



**HAL**  
open science

**Que país é este? Narrativas sobre o Brasil criadas por brasileiros residentes no exterior. (Axe VII, Symposium 28)**

Luis Fernando Beneduzi

► **To cite this version:**

Luis Fernando Beneduzi. Que país é este? Narrativas sobre o Brasil criadas por brasileiros residentes no exterior. (Axe VII, Symposium 28). Independencias - Dependencias - Interdependencias, VI Congreso CEISAL 2010, Jun 2010, Toulouse, France. halshs-00502267

**HAL Id: halshs-00502267**

**<https://shs.hal.science/halshs-00502267>**

Submitted on 20 Jul 2010

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## **Que país é este? Narrativas sobre o Brasil criadas por brasileiros residentes no exterior**

Luis Fernando Beneduzi  
Università Ca' Foscari di Venezia – Itália

Resumo: A Internet vem conquistando sempre mais espaço como veículo global de comunicação e as redes sociais têm se transformado em um lugar privilegiado tanto para reencontrar pessoas quanto para participar das mais variadas discussões, a partir de diferentes comunidades que atraem ideias e públicos muito diversificados. Pensando especificamente nos processos migratórios, o mundo virtual constitui-se em um *locus* privilegiado para encontrar os compatriotas, mantendo contato com imagens, representações e ideias, presença simbólica da terra de origem. Os brasileiros têm participado intensamente nos sites e nas redes de relacionamentos e existem milhares de comunidades – ao interno destes sites – dirigidas aos brasileiros que vivem fora do país. Em um dos sites mais utilizados no Brasil, como o Orkut, existem mais de sessenta comunidades com o título “Brasileiros no Exterior”, as quais apresentam uma infinidade de tópicos de discussão sobre a vida no estrangeiro, a auto-representação e a imagem do Brasil e dos brasileiros no exterior ou sobre a percepção da terra de chegada. O objetivo do presente estudo – que analisa uma das comunidades “Brasileiros no Exterior”, escolhida por ser a mais numerosa, 17.556 membros, e a mais antiga, criada em 2004 – é discutir as narrativas produzidas sobre o Brasil, por compatriotas que vivem o processo de expatriação, assim como o modo em que a experiência da terra de chegada tem alimentado tais representações. A distância física construiu – em muitos casos – uma leitura romântica da terra de origem e a elaboração de imagens que não teriam sido produzidas se não fosse a experiência da emigração. Mesmo o conceito de cidadania sofreu um processo de contaminação através da vivência na terra de chegada e graças à nova leitura elaborada sobre o Brasil.

Palavras-chave: imigração brasileira, representações, imaginário, mundo virtual, internet

As leituras sobre a terra de partida, assim como as dinâmicas de re-elaboração imagética sobre o país de nascimento, fazem parte dos processos migratórios, quer quando se faz referência aos movimentos internacionais do século XIX – entendidos como históricos – quer quando se discute esse fenômeno em finais do século XX, a chamada imigração contemporânea. Muitas são as diferenças encontradas entre os dois processos, pois as representações que neles são construídas estão atreladas a presentes diferenciados, marcados por significados diversos de nação e de pátria, assim como por relações não intercambiáveis de pertencimento ao Estado Nacional.

Nos primeiros casos, tendo presente que a maior parte do processo migratório que se dirigiu para a América Latina, durante o século XIX, teve como

ponto de partida a Europa, a imensa maioria dos imigrantes partiu de nações que estavam vivendo o seu *nation building*, e que perceberam o seu vínculo nacional enquanto ampliação de uma pertença ao lugar de nascimento, ao *pays*. A segunda situação, inserida nos movimentos internacionais hodiernos, refere-se a um outro movimento que, desde a América Latina, toma o rumo da Europa. Neste caso, tem-se indivíduos que se inserem em processos diferenciados de construção nacional, contando com dinâmicas culturais mais híbridas, como o caso brasileiros, e outras mais aglutinadoras, como os casos mexicano e peruano.

No entanto, para além dessa questão vinculada ao presente daquele que parte, um outro elemento constitui-se em uma peça importante neste processo de elaboração de múltiplas imagens da terra de partida, no exterior. Diferentemente dos processos históricos de imigração, a contemporaneidade traz consigo novas tecnologias, que acabam acelerando as comunicações entre os imigrantes, em diversos lugares do globo, vivendo realidades muito diferenciadas, e destes com os compatriotas que permaneceram em pátria. Os instrumentos ligados a internet, como SKYPE, MSN e os sites de relacionamento, corroboram para a construção de pontes, que ligam as terras de partida e chegada, muito mais fáceis de serem atravessadas do que aquelas estruturadas por meio da correspondência em papel – as cartas – que determinaram as comunicações em finais do século XIX.

Através dos meios de comunicação virtuais, como o Messenger, as distâncias acabam sendo encurtadas por espaços de interação que entrecruzam imagem e voz, criando a sensação de aproximação com a terra de partida. A manutenção de um contato visual e auditivo com os locais e as pessoas do lugar de nascimento colabora para o perdurar de uma sensação de não-afastamento. As coisas queridas estão distantes, sobretudo quando se tem presente um processo de deslocamento que envolve a América Latina e a Europa, no entanto, mesmo se em uma maneira virtual, cria-se uma zona de contato, uma relação de presença-ausência que permite reviver dinâmicas de pertencimento.

Mesmo a vivência comunitária – em um mundo no qual os sites de relacionamento ocupam sempre mais espaço nas relações quotidianas – é possível, não sendo necessário nem mesmo o deslocamento e o encontro físico dos participantes. Nesse sentido, as relações de sociabilidade se organizam em fóruns de discussão, nos quais os participantes – muitas vezes já adicionados como amigos nos perfis pessoais –

expressam seus pontos de vista sobre as mais variadas questões, constroem redes de ajuda recíproca, debatem temas polêmicos e procuram examinar temáticas que se referem à realidade imigratória: a percepção da terra de chegada, a imagem do país de proveniência, os motivos que conduziram à partida, a possibilidade ou não de um retorno.

Considerando esse universo descrito acima, buscou-se especificamente analisar como os brasileiros residentes no exterior construíram uma representação (ou representações) sobre o Brasil, tendo presente tanto a ideia de pertencimento à nação quanto o conceito de cidadania, em suas dinâmicas de re-elaboração ao longo do processo migratório. Dessa forma, entende-se que a presença simbólica da pátria, através de sites de relacionamento, como o Orkut, estudado nesta pesquisa, colabora na elaboração de uma nova imagem do país de proveniência, pois permite um processo interativo com diferentes indivíduos que estão vivendo uma mesma experiência de expatriação.

Ao interno desse recorte temático, escolheu-se trabalhar especificamente com uma das tantas comunidades que apresentam como título “Brasileiros no Exterior”, agrupando imigrantes que do Brasil se dirigiram para diferentes partes do mundo. Além disso, a esse grupo virtual estão vinculados, ainda, perfis de brasileiros que estiveram no exterior e daqueles que pretendem partir. Dessa forma, está-se diante de um entrecruzamento de olhares que se articula a partir de ao menos três diferentes pontos de partida: aquele que ainda vive a expatriação (temporária e/ou definitiva), aquele que a viveu, pois já retornou ao Brasil e aquele que gostaria de vivê-la ou está por fazê-lo. A percepção desses três “pontos de vista” é de grande relevância para a análise das postagens, pois, mesmo que a atenção esteja voltada eminentemente para os imigrantes que estão vivendo a imigração, é importante compreender o contexto no qual está sendo formulada a argumentação.

A escolha dessa comunidade, levou em consideração uma questão mormente numérica, pois o grupo selecionado constitui-se na maior representação – em termos quantitativos – dos imigrantes provenientes do Brasil (aproximadamente 18,2 mil componentes, em maio de 2010). Ademais, esse agrupamento é – dentro do Orkut – o mais antigo com o nome de “Brasileiros no Exterior”, tendo sido criado em 2004 e, também, apresenta-se como um dos mais ativos, com constante criação de tópicos de discussão e participação, através de postagens, dos diferentes membros.

Antes de se dar início a análise propriamente dita das falas dos diferentes membros da comunidade, é necessário que se faça uma breve apresentação dos conceitos com os quais se irá trabalhar, não deixando de oferecer ao leitor um conciso relato sobre as dinâmicas mais contemporâneas que envolvem a imigração brasileira, ressaltando o aumento quantitativo que se está vivendo no novo milênio. A discussão conceitual permitirá perceber o direcionamento de olhar que está norteando a presente pesquisa e a maneira como os dados qualitativos estão sendo analisados. Da mesma maneira, a contextualização do processo migratório permitirá compreender melhor as falas dos diferentes atores sociais que se dão a conhecer nos tópicos de discussão.

Uma primeira chave de leitura pode ser percebida no conceito de representação, eixo fundamental para o estudo dos depoimentos, tendo em vista os dois elementos centrais que o norteiam: quem escreve e para quem escreve. Parece óbvio que todo aquele que escreve o faz para, ao menos, um possível/eventual leitor. No entanto, neste caso específico, muitas das postagens estão relacionadas a uma discussão específica e a um grupo de leitores que procura contar “a verdade” sobre a experiência no exterior e sobre “o Brasil”. Verdadeiros ou inventados, estes argumentos buscam definir realidades e produzir imagens (como de fato o fazem) sobre o que é viver no Brasil, porque se decidiu partir e sobre como se estrutura a vida no exterior. Tendo presente essas questões, não se busca entender “a verdade” do processo migratório ou das experiências que a ele se relacionam, mas como essas diferentes narrativas são construídas e de que modo elas funcionam diante da coletividade. Será sobretudo nessa perspectiva de análise que a noção de representação, assim como aquela de resignificação, oferecerá um aparato teórico indispensável para a leitura dos tópicos.

Deve-se destacar – levando em consideração a discussão de Maurice Halbwachs<sup>1</sup> – que as informações que se estruturam dentro de uma memória pessoal, assim como as representações elaboradas por diferentes indivíduos, participam de um processo de interpenetração com diferentes elementos da coletividade. Nesse sentido, aquilo que se dá a conhecer a partir da narrativa de um ou mais indivíduos é permeado por quadros sociais que se constroem no seio da coletividade, sendo também, dessa maneira, a expressão de uma percepção grupal e comunitária. Esses quadros coletivos de memória, produzidos ao interno de conjuntos de representações, não são a simples combinação das recordações e sensações individuais, nem tampouco uma coletânea de

---

<sup>1</sup> HALBWACHS, Maurice. Les cadres sociaux de la mémoire. Paris: Albin Michel, 1994.

*souvenirs* do passado, mas são instrumentos para a construção de imagens do passado, para desvelar as percepções de uma dada época passada.

C'est en ce sens qu'il existerait une mémoire collective et des cadres sociaux de la mémoire, et c'est dans la mesure où notre pensée individuelle se replace dans ces cadres e participe à cette mémoire qu'elle serait capable de se souvenir<sup>2</sup>.

Halbwachs enfatiza, ainda, a dimensão concreta da recordação, a qual está presente em uma maneira operante, produzindo a realidade e colocando-se – muitas vezes – no lugar da própria passividade. Em uma defesa inconsciente do sonho diante da possibilidade de despertar, a recordação se estrutura enquanto uma cândida marca do passado que molda os comportamentos e as próprias imagens que serão produzidas acerca dos eventos vividos. Participando de um olhar prenhe de sensibilidade, o imigrante que se debruça sobre sua experiência de expatriação, e que busca reconstruir mnemonicamente a pátria distante, produzirá narrativas marcadas pela elaboração de um país sonhado ou odiado, algo que se estruturou em sua mente durante o próprio processo de imigração.

Nesse sentido, pode-se afirmar que as representações vivem um contínuo processo de reconstrução, tendo em vista que são constantemente elaboradas em função de diferentes presentes. Dito de outra maneira, as narrativas que os imigrantes elaboram sobre a terra de partida e sobre suas viagens estão vinculadas ao próprio momento vivido na terra de chegada, sendo que um presente difícil aumenta ainda mais o encantamento que envolve a vida anterior à imigração. Dessa maneira, instaura-se o que Paul Ricoeur<sup>3</sup> classifica como uma “liturgia da recordação”, dentro da qual as experiências vão adquirindo um lugar e produzindo novas dinâmicas mnemônicas.

Nas dinâmicas que envolvem esse processo de re-elaboração do passado individual – que como se apresentou está interconectado com aquele coletivo – Fernando Catroga<sup>4</sup> enfatiza o fenômeno de criação lógica que envolve as narrativas que buscam rememorar o passado. O ato de trazer à mente os acontecimentos passados, em uma leitura mnemônica do real acontecido, traz consigo a produção de um encadeamento coerente que ofereça uma organização dos fragmentos que chegam do

---

<sup>2</sup> HALBWACHS, Maurice. Op. cit. n. 01, p. VI.

<sup>3</sup> RICOEUR, Paul. **La memoria, la storia, l'oblio**. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2003.

<sup>4</sup> CATROGA, Fernando. Memória e História in PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

passado. Em tal processo, o autor destaca o efeito mágico de “fabricação” do passado que se pode observar nessa apresentação daquilo que já não é mais existência, em um fenômeno de substituição da própria passividade pelo fruto da recordação que o sujeito cristaliza sobre ela: a representação tende a confundir-se com o(s) evento(s) vivido(s) e, algumas vezes, a substituir-se a eles.

Nesse sentido, a memória – ou os rituais de recordação que a envolvem – acabam por produzir um sentimento de pertencimento que perpassa a coletividade e as narrativas vão inserindo os indivíduos em um grupo que compartilha um mesmo conjunto de experiências. Os quadros sociais que vão sendo elaborados a partir do cruzamento das recordações – sobretudo a partir de fragmentos comunicantes vividos pelos sujeitos, os quais criam um efeito de partilha de vivências comuns – funcionam como colante identitário e elemento unificador. Como na construção de um tempo que não passa, embora seja o fluir da própria dinâmica da reminiscência, a liturgia da lembrança busca cristalizar o andamento do próprio tempo:

Infere-se, assim, que a tarefa última dessas liturgias é a de criar sentido e perpetuar o sentimento de pertença e de continuidade, num protesto, de fundo metafísico, contra a fluxão do tempo. O imaginário da memória liga os indivíduos não só verticalmente, isto é, a grupos ou entidades, mas também a uma vivência horizontal e encadeada do tempo (subjetivo e social) que integra cada existência numa ‘filiação escatológica’ garantida pela reprodução (sexual e histórica) das gerações e por um ideal de sobrevivência na memória dos vivos<sup>5</sup>.

De uma certa maneira, a construção desta teia de lembranças que busca presentificar continuamente o passado faz pensar a uma ação ordenadora presente no fluxo da recordação, tendo em vista que a memória pode ser lida como uma organização do caos de sinais que emergem do passado, função partilhada também com sua filha, a história. Em ambas, dentro da construção de suas leituras sobre a passividade, encontra-se um pecado compartilhado, a participação em uma dialética da lembrança e do esquecimento, pois toda elaboração que busca produzir uma leitura linear dos traços caóticos da existência termina por apagar alguns acontecimentos enquanto ilumina outros. Essa dinâmica é muito forte nos processos migratório, pois a própria narrativa tem um sentido específico de justificar o ato da imigração ou, ao mesmo tempo, é necessário (re)construir aquele mundo que ficou perdido em um espaço-tempo do qual não se faz mais parte, porque só existe enquanto uma imagem flutuante constantemente

---

<sup>5</sup> CATROGA, Fernando. Op. cit. nota n. 04, p. 51.

revisitada em nossas mentes. Com isso, pode-se dizer que esse movimento da memória constitui-se em uma arte, a elaboração de uma figura representativa a partir das peças de um complexo quebra-cabeça:

a memória não é a totalidade mimética do passado, mas uma síntese fragmentária, uma colagem de cacos do ocorrido, recolocados no seu lugar – no meio de lacunas, vazios, acréscimos – que exige uma arte, a arte da memória – [...] para colocar-se em seu tenso diálogo com o esquecimento<sup>6</sup>

Partindo da afirmação de Michel de Certeau<sup>7</sup> sobre um fosso intransponível que separa a realidade do discurso produzido sobre ela, entende-se que as representações mnemônicas construídas sobre a experiência passada colocam-se no lugar da própria experiência, movimentando os sentimentos individuais e grupais com relação ao passado. Essas narrativas, ao criarem um efeito de real, substituem-se à própria realidade e procuram dar um sentido lógico e pacificador à experiência do presente. Assim, retoma-se a ideia já apresentada anteriormente de que as vivências passadas constituem-se em uma trama discursiva que tem como ponto de partida um “eu” no presente.

Junto aos óculos conceituais que irão conduzir o olhar analítico que se debruçará sobre essas postagens dos imigrantes brasileiros, é importante compreender o contexto mais amplo no qual essa imigração se insere e como o fenômeno tem crescido e ocupado maior espaço ao interno das políticas públicas brasileiras. Nesse sentido, uma questão de grande relevância é a mudança vivida pelo Brasil no final do século XX, pois, acostumado a ser identificado e a se auto-representar como terra de imigração, passa progressivamente a observar um fenômeno de partidas e a construção de uma nova representação, aquela de terra de emigração.

Na virada dos séculos XX e XXI, o fenômeno tem assumido uma representatividade sempre maior, sendo que o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, em 2008, estimava que viviam fora do país 3.735.826 (três milhões, setecentos e trinta e cinco mil, oitocentos e vinte e seis). Nesse contexto, pode-se demarcar como três os lugares de predileção para a emigração: a América do Norte, a Europa e o Japão. Os dois primeiros grupos representam aproximadamente 70% do total da concentração

---

<sup>6</sup> VECCHI, Roberto. Barbárie e Representação: o silêncio da testemunha in PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 86.

<sup>7</sup> DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982.



de compatriotas fora do Brasil, sendo que o continente europeu recebeu cerca de 1.010.330, enquanto o subcontinente norte-americano acolheu cerca de 1.528.307<sup>8</sup>. Deve-se destacar que o direcionamento da emigração brasileira tem sofrido uma importante mudança de rumo ao longo dos primeiros anos do novo milênio, produzindo novas preferências com relação à terra de chegada. Se nos anos 90 do século XIX os fluxos foram orientados maiormente para o norte do continente americano, sendo que os Estados Unidos eram vistos como a nova terra prometida – e sobre isso a própria TV Globo<sup>9</sup> produziu uma novela muito seguida pela população, “América” – o século XXI está trazendo consigo uma nova orientação, desta vez para os Estados da Europa Ocidental.

Nos últimos anos, a condição de “exportador de pessoas” adquiriu tamanha importância no contexto brasileiro que conduziu à criação de uma subsecretaria específica do Ministério das Relações Exteriores, a qual tem como função mapear e organizar essas comunidades existentes no exterior. Para tal fim, a Subsecretaria Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior organizou, no ano de 2008, a primeira conferência para os grupos de nacionais que se encontram fora do Brasil. O encontro teve como objetivo principal oferecer uma cartografia das comunidades brasileiras presentes nos cinco continentes, discutindo esse fenômeno emigratório a partir da contribuição de diferentes pesquisadores que tem se dedicado às migrações internacionais.

Duas palavras-chave nortearam a conferência: diáspora e dispersão. O objetivo principal do evento era constituir-se no ponto de partida para um amplo debate sobre a dispersão da população brasileira pelo globo, analisando as dinâmicas inerentes aos processos de deslocamento e as realidades locais que estavam se estruturando. Para atingir esse intento, foram reunidos representantes das principais comunidades de brasileiros existentes na Europa Ocidental, nos Estados Unidos, no subcontinente sul-americano, na Austrália, no Japão, na África e no Oriente Médio. Cada representação ofereceu um relato sobre a realidade diaspórica vivida pelos brasileiros na realidade específica de proveniência do grupo, permitindo um mapeamento sobre as condições

---

<sup>8</sup> Os dados apresentados foram retirados das estatísticas informadas no site do próprio Ministério das Relações Exteriores (<http://www.abe.mre.gov.br/avisos/brasileiros-no-mundo>).

<sup>9</sup> Esta emissora de televisão é a mais importante, ao menos nos últimos 40 anos da história televisiva brasileira, sendo que suas novelas apresentam uma grande inserção no meio social enquanto construtoras de percepções sobre a realidade.

dos brasileiros que vivem fora do país<sup>10</sup>.

Como se pode perceber, a conferência não foi motivada exclusivamente pela busca de um debate acadêmico, inclusive por causa da participação também de grupos da sociedade civil e, nesse sentido, denota-se uma forte busca de construção de políticas públicas que atuem positivamente com relação a essas comunidades. Buscava-se elaborar uma extensa pauta de recomendação e reivindicações que pudessem nortear a ação do governo em prol dos grupos de compatriotas que vivem atualmente no exterior. Dessa forma, o encontro deveria funcionar como um primeiro movimento – como era declarado entre seus propósitos – para a construção de laços mais fortes de colaboração mútua que possibilitassem a estruturação de uma dimensão mais humana na política externa brasileira.

Esses movimentos políticos contemporâneos permitem compreender a importância que o fenômeno emigratório começa a representar para o Estado brasileiro, na medida em que existe uma crescente intenção de organizar essa existência fora do Brasil. Isso é perceptível, também, na ação dos próprios consulados, os quais têm aumentado sua atuação e a oferta de serviços, sem esquecer – como resultado de uma nova possibilidade para o exercício da cidadania – a abertura de seções eleitorais nas representações diplomáticas no exterior. De uma certa maneira, essa “concessão” do voto àqueles que não vivem dentro do território nacional – a qual é permitida apenas na eleição para a presidência – reflete tanto o aumento da importância numérica desses brasileiros que vivem fora do país quanto uma consequente ampliação da possibilidade de exercer a cidadania. Aliás, considerando que o voto no Brasil é obrigatório, a instituição deste direito/dever de votar, mesmo no exterior, mantém um vínculo político, mas que se estende também a outros aspectos, com a terra de partida<sup>11</sup>.

Dentro desse contexto de aumento das partidas de brasileiros, pensando nas representações que foram e estão sendo construídas sobre o Brasil, a comunidade selecionada apresenta mais de 80 tópicos de discussão, com temáticas que variam desde

---

<sup>10</sup> Maiores informações sobre a conferência, assim como os resultados específicos da reunião, podem ser encontrados no site do Ministério das Relações Exteriores. Para aqueles que desejarem ter acesso a essas informações específicas, deixa-se o link (<http://www.abe.mre.gov.br/mundo/america-do-sul/republica-federativa-dobrasil/subsecretaria-geral-das-comunidades-brasileiras-no-exterior/informacoes/iseminario-sobre-as-comunidades-brasileiras-no-exterior>)

<sup>11</sup> É importante ressaltar que se encontra em tramitação no Senado a Proposta de Emenda à Constituição n. 5 de 2005, a qual propõe a alteração do art. 45 da Constituição para conceder ao brasileiro residente no exterior o direito de votar nas eleições. Em 20 de outubro de 2009 estava aguardando a inclusão na ordem do dia.

questões vinculadas a vivência na terra de chegada até elementos da cultura brasileira. Duas coisas são perceptíveis já em uma primeira leitura das postagens: um olhar nostálgico com relação à terra de partida, mesmo daqueles que apresentam uma percepção crítica e destrutiva e uma hibridação linguística com o idioma da terra de acolhida. As duas situações podem ser entendidas em uma perspectiva de inter-relação, pois o Brasil – que se torna terra “distante” – acaba sendo marcado por imagens desfocadas, que misturam os sentimentos vividos quando da partida e aqueles marcados pelo distanciamento; e isso acaba sendo representado pela mistura de palavras (entre a língua materna e aquela de adoção) e pelas formas híbridas de construção frasal. A pátria, lugar do sentimento, é narrada muito mais pelas normas da linguagem oral do que por aquelas da linguagem escrita.

Um primeiro tópico selecionado para iniciar esse mapeamento sobre o Brasil que está sendo construído pelos brasileiros que vivem no exterior, está relacionado com o ato específico da partida: “O que levaram a vcs saírem do Brasil???”<sup>12</sup>. Diferentes são as motivações expressas para essa emigração, no entanto, um elemento perpassa todas elas: a busca de uma realização pessoal. Para alguns o elemento chave é a procura de um emprego melhor, ou mesmo de um emprego, para outros, a realização é a fuga da violência, para outros, ainda, a satisfação significa seguir um grande amor ou concretizar um sonho de estudar e viver no exterior. Na maioria dos depoimentos, observa-se o desejo de voltar e a criação de uma relação dual para com a terra de partida: o Brasil é, ao mesmo tempo, a pátria sonhada e amada, para a qual se deseja voltar, e o lugar que se deve abandonar por não permitir uma realização pessoal.

Uma das narrativas que marca a experiência da violência, e o trauma gerado por ela, como o “pontapé” que determinou a partida, é oferecida por Patrícia. Esta brasileira, natural da cidade do Rio de Janeiro e que atualmente vive no Golfo Pérsico, destaca como o terror vivido em um assalto, no qual também estava presente o seu marido, fez com que ela buscasse uma realização pessoal fora do país. Como ela mesma conta, a situação – que não conduziu à morte de nenhum dos cônjuges – criou nela uma espécie de síndrome do pânico, a qual só foi resolvida com o afastamento

---

<sup>12</sup> As citações dos tópicos serão utilizadas em maneira literal, sem correções de grafia, concordância ou outros elementos gramaticais. O presente tópico pode ser encontrado em (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2588726434562645568>), acessado no dia 03 de maio de 2010.

daquela realidade que tinha funcionado como geradora do medo:

Eu e meu marido decidimos sair do Brasil por conta de um assalto que sofremos em 2004. Fomos interceptados às 20h, sábado, a 500 metros de uma delegacia policial, por 4 homens armados com metralhadoras que nos retiraram do carro e levaram o veículo. Um deles apontou a metralhadora pra mim durante todo o assalto, a apenas 1 metro de distância (ou seja, quase na minha cara). Meu marido (pra piorar) ainda ficou preso no cinto e eu só dizia: ele está com o cinto, deixa ele tirar o cinto". Por fim, graças a deus não sofremos nada grave, só o trauma, mas isso foi o pontapé para sairmos de lá. Claro que dinheiro contou sim, mas a violência é o que atualmente nos desanima de voltar ao Brasil. Sentimos muita falta e adoramos o nosso país e o meu querido Rio de Janeiro, mas por causa do assalto, eu fiquei traumatizada e quase tive síndrome do pânico. Mas fui forte e agüentei o tranco. Não adianta a gente reviver o pesadelo em nossas mentes. Temos que olhar pra frente sempre. Tenho muita saudade da minha família e amigos...<sup>13</sup>

Como se comentou anteriormente, a terra de partida acaba adentrando em um espaço contraditório, pois é uma realidade difícil que obrigou o emigrante a abandoná-la, quase criando uma imagem de expulsão (mesmo que passiva), e – ao mesmo tempo – é o lugar da saudade, a qual está vinculada à família e aos amigos. Dessa forma, se o Brasil é o país das desigualdades que geram a violência e impossibilitam a permanência, no caso de Patrícia, ele é também o espaço nostálgico das relações afetivas. Denota-se quase uma cisão entre o Estado brasileiro – aquele que se quer abandonar – e a pátria, aquela que permanece com saudosismo na mente do emigrante.

Sempre no mesmo tópico, Marta André – nascida no Mato Grosso e residente no Canadá – apresenta uma outra motivação, mas que envolve sempre a temática da busca de um sonho. Para ela, a emigração significou a tentativa de construir um futuro melhor para ela e para os filhos, algo que ela considerava impossível dentro da realidade brasileira dos anos 90. A partida para o exterior é entendida como a procura da terra da *cuccagna*, pensando nessa imagem emblemática da realização material, e ocorre em um período de grande crescimento no número de partida, especialmente para o norte do continente americano:

...dois filhos pra sustentar sozinha. No Brasil seria praticamente impossível arrumar um emprego que pagasse os suficiente pra proporcionar um vida

---

<sup>13</sup> Citação retirada da página (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2588726434562645568&na=3&nst=21&nid=62491-2588726434562645568-2589804355389824576>), acessada no dia 03 de maio de 2010.

decente aos meus filhos. Ha 13 anos atraz<sup>14</sup>.

A mesma justificativa para a partida – vinculada ao mundo do trabalho – foi dada por Eliane Araújo, natural da cidade do Rio de Janeiro e que atualmente vive no Egito. A diferença pode ser encontrada no grau de necessidade que envolveu a decisão, ao menos considerando as postagens das duas emigrantes. Enquanto a fala de Marta destaca a busca da sobrevivência, pois não seria possível manter os dois filhos, vivendo no Brasil, Eliane ressalta a busca de uma melhora na condição de vida, apenas mencionando que seu marido havia recebido uma proposta de emprego:

meu marido recebeu uma proposta para trabalhar fora do brasil, e aceitamos embarcamos para colombia, eu ele e duas crianças pequenas, contando com Deus e com a propria sorte, pq nao sabemos o que esperar, gracias a Deus apesar dos trancos e barrancos deu tudo certo, agora estamos no egito e quando acabar nosso contrato aqui, ainda nao sei para onde vamos rs talvez angola, nao sei, mas estou torcendo para uma pais mais civilizado rs absssss<sup>15</sup>.

Não se sabe qual era a formação e o trabalho de Marta, e tampouco aquele do marido de Eliane. No entanto, pela fala das depoentes, pode-se depreender que o marido da emigrante carioca, diferentemente da mato-grossense, exercia uma função especializada ou, ao menos, desenvolvia um trabalho muito requisitado no mercado internacional, tendo em vista as experiências em diversos países. De qualquer forma, viver no exterior não foi uma prova fácil para Eliane, porque – mesmo tendo como resultado final um saldo positivo – as coisas foram se construindo um pouco aos “trancos e barrancos”.

No depoimento de outra emigrante carioca, a qual vive atualmente na Itália, denota-se um outro objetivo que envolve a partida dos brasileiros: a realização do sonho de morar fora do Brasil. Essa brasileira, que não fornece o nome em seu perfil, parte em busca de uma experiência e acaba encontrando o amor, o que transforma a realidade de seu deslocamento:

para realizar um sonho (que era mora fora do brasil) que logo virou pesadelo, com todas a dificuldades que nós podemos encontrar no inicio, depois por amor

---

<sup>14</sup> Citação retirada da página (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2588726434562645568&na=3&nst=31&nid=62491-2588726434562645568-5233584428054503434>), acessada no dia 03 de maio de 2010.

<sup>15</sup> Citação retirada da página (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2588726434562645568&na=3&nst=11&nid=62491-2588726434562645568-2588929850703755629>), acessada no dia 03 de maio de 2010.

e agora acho que já me acostumei é hoje continuo por opção<sup>16</sup>.

Em um primeiro momento a emigração foi pensada em uma dimensão transitória, visto que a intenção era a realização desse desejo de viver fora do Brasil. No entanto, a descoberta do amor altera o percurso inicial, fornece um caráter definitivo ao movimento migratório e demarca aquilo que Eric Leed entende como a construção da chegada (ou o dar-se conta de que a viagem terminou)<sup>17</sup>. De qualquer forma, a emigrante destaca a distância entre a expectativa que envolve a partida, assim como os sonhos que marcam a experiência da vida no exterior enquanto porvir, e as dificuldades do encontro/confronto com a realidade da terra de chegada: “um sonho que logo virou um pesadelo”. Ao mesmo tempo, apresenta sua decisão de permanecer – mesmo estando vinculada ao casamento – como o fruto de um “acostumar-se”: a opção de ficar é identificada com uma adaptação.

Um segundo ponto de discussão que o fórum apresenta e que se quer ressaltar está vinculado à vivência específica no exterior e quais imagens do Brasil ela vai produzindo. Tendo falado das imagens relativas ao momento da partida, mesmo que retrospectivas, busca-se continuar a percorrer a trajetória de viagem dos imigrantes inscritos nesta comunidade de “Brasileiros no Exterior”, levando em conta as ausências mais sentidas: “Vcs sentem falta do que?”. Como resposta, observa-se o destaque de duas questões principais que envolvem o mundo da sensibilidade: o afeto e o paladar. Os emigrantes destacam sobretudo a falta dos familiares e das pessoas amigas, ressaltando a vida de sociabilidade que ficou para trás, e a falta de diferentes alimentos típicos da cozinha brasileira, demarcando o quanto a alimentação colabora para a construção de uma ideia de pertencimento.

Flávia – que mora atualmente em Lisboa (Portugal), mas que é natural da cidade de Maringá, no Paraná – destaca a saudade de aspectos que envolviam a sociabilidade de uma cidade pequena do interior. Da sua vida no Brasil, ela sente falta das relações humanas que se estabeleciam nas ruas do bairro, onde todos se conheciam e as pessoas se sentiam mais fortemente parte de uma comunidade, inseridos em uma realidade coletiva: “De jogar truco na calçada de casa, de sair para dar uma volta no

---

<sup>16</sup> Citação retirada da página (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2588726434562645568&na=3&nst=11&nid=62491-2588726434562645568-2588929850703755629>), acessada no dia 03 de maio de 2010.

<sup>17</sup> LEED, Eric. **La mente del viaggiatore**. Dall’Odissea al turismo globale. Bologna: il Mulino, 1992.

bairro passar na sorveteria e pedir uma casquinha, de cachorro quente”<sup>18</sup>. A experiência de viagem para um outro país, e Flávia decide partir para acompanhar o marido, por causa da saudade que o filho pequeno tinha do pai<sup>19</sup>, é marcada grandemente pelo estranhamento, tanto na relação entre culturas diferentes (brasileira e portuguesa) quanto naquela entre interior e capital.

Além das relações ressaltadas pela Flávia, ou melhor, enfatizando mais as relações humanas que as experiências de sociabilidade, a Marcinha – que vive atualmente na Bélgica – lembra a falta que sente dos amigos, da possibilidade de perder-se em um bate-papo:

Puxa gente, tô agora naquele momento nostalgia... Moro na Bélgica e as coisas que eu mais sinto falta são: \*os picolés de fruta da kibom; \*comer camarão fresquinho, na beira da praia; \*andar descalça; \*comer tapioca de frango com catupiri; \*churrasquinho de gato depois do trabalho as sextas feiras (hoje né?); \*churrasco de verdade, temperado com sal grosso, nada de bifinho já temperado... \*água de coco e caldo de cana; \*uma boa roda de violão \*e aquele bate papo com os amigos.

Aprofundando esta questão das relações interpessoais, a Gabi Almeida – natural de Curitiba, no Paraná, mas que atualmente mora em St. Louis, nos Estados Unidos – fala das características únicas dos brasileiros no contato com as pessoas, destacando principalmente “a qualidade do abraço”. O contraste entre a vida no exterior e aquela no Brasil, na percepção da Gabi, está marcada pela perda de um contato “quente” entre as pessoas. A vida nos Estados Unidos é marcada por relações humanas muito frias e por falta de carinho, o que ela classifica como uma qualidade tipicamente brasileira:

Moro nos EUA fazem 3 anos. O q eu mais sinto falta sem duvida eh a comida da minha mae (perdi 8 kg aqui), os abraços que todo mundo da no brasil (aqui o povo eh mt frio), e jeito do povo brasileiro (carinho, diversao, bom humor, tranquilidade, e outras coisas que so brasileiro tem! hehe)<sup>20</sup>.

Luana – que vive agora na Cidade do México, tendo nascido no Rio de

---

<sup>18</sup> Citação retirada da página (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2446633632764753562>), acessada no dia 03 de maio de 2010.

<sup>19</sup> Informação encontrada na página (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2588726434562645568&na=3&nst=21&nid=62491-2588726434562645568-2589804355389824576>), acessada no dia 03 de maio de 2010.

<sup>20</sup> Citação retirada da página (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2446633632764753562&na=3&nst=31&nid=62491-2446633632764753562-5219061271231253589>), acessada no dia 03 de maio de 2010.

Janeiro – destaca um outro elemento importante no trânsito do emigrante, analisando o seu processo pessoal de mudança na percepção das experiências anteriores à partida. Mesmo dizendo que sente falta de quase tudo e iniciando pelas suas relações familiares, o ponto chave de sua falta é o reconhecimento de que essas coisas que ela cita, que se tornaram uma marca da sua saudade, não eram vistas da mesma maneira antes de sua partida; naquele momento, eram coisas de menor importância, para as quais ela não dava valor:

**Quase tudo !** Sinto falta da minha família, dos meus amigos, da alegria que tem lá, das boates até o amanhecer (como já foi citado), sinto falta dos churrascos na beira da piscina... Enfim, tudo que antes eu não dava a mínima agora me faz falta, porém amo minha vida nova e sei que posso matar a saudade toda vez que vou no Brasil!!!<sup>21</sup>.

A postagem desta carioca assinala um elemento comum no processo de deslocamento do emigrante, na medida em que ele vai se tornando imigrante, a re-elaboração das experiências e dos sentimentos que envolvem a vida anterior ao início do trânsito. Como foi apresentado anteriormente, dois elementos se entrecruzam para a construção destas novas representações sobre as vivências da terra de partida. Por um lado, tem-se a ação da memória que busca reconstruir esses fragmentos do passado pessoal, misturando-os com um conjunto de experiências partilhadas desde que se abandonou o país de nascimento. Por outro, vive-se a presença transformadora do presente, que direciona o olhar retrospectivo do imigrante, partindo das relações que se estabelecem no momento contemporâneo ao ato de revisitar o passado pessoal.

Um terceiro item que deve ser analisado nesse roteiro de leitura da imagem do Brasil passa pela alteridade, mas não se buscará especificamente observar o que os outros pensam sobre o país ou sobre o povo brasileiro. A perspectiva de discussão que foi proposta em outro tópico da comunidade está relacionada com a forma como os próprios brasileiros enxergam a imagem construída sobre o país deles, no contexto da terra de acolhida. Nesse sentido, a percepção caminha por uma senda impregnada de estereótipos, mas discute, também, as representações produzidas pelos meios de comunicação dos países onde os imigrantes se encontram.

O tema da discussão “a imagem do Brasil no exterior” apresenta um

---

<sup>21</sup> Citação retirada da página (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2446633632764753562&na=3&nst=81&nid=62491-2446633632764753562-5438699812570572888>), acessada no dia 03 de maio de 2010.



claro objetivo de mapear as representações (as quais estarão circundadas por muitos mitos que se construíram sobre o Brasil) que produzem um entendimento sobre o Brasil nos diferentes países onde vivem os brasileiros. A própria proponente dá início ao processo de discussão, informando a sua opinião, entendida como uma forma de protesto contra a propaganda negativa que se constrói fora do país. Dessa maneira, a postagem de Andréia<sup>22</sup>, feita em fevereiro de 2007, ressalta uma série de lugares comuns que desenham a figura do brasileiro, colocando-se como um grito de defesa da integridade do povo nacional:

resolvi abrir esse topico para demonstrar minha indignacao perante a propaganda que eh feita do Brasil no exterior, sempre eh o mesmo, os grigos conhecem a gente por "carnaval", "mulher sensual", "corrupcao", violencia e pobreza. Nao eh soh isso q o Brasil tem a oferencer, eh muito mais, tem muitas cabeças pensantes, muita gente pronta pra muda... pra melhor Tem gente seria q quer q o Brasil de um passo muito grande com relacao a imagem q temos mundo afora<sup>23</sup>.

Miro, que se encontra na Espanha, traz à discussão um dos estereótipos que marcam acima de tudo a mulher brasileira no exterior, a imagem da prostituta. Em sua postagem, ele relata uma situação vivenciada com amigos, quando comentou que iria apresentar algumas brasileiras para o grupo, tendo como reação uma representação preconceituosa:

**Péssima!** falei para ls amigos meus españois, ke ia aapresentar ls amigas brasileiras pra eles´ e logo veio um e me disse(e quanto k, elas cobran))) fikei chateado;;; + fazer o k??? essa é a fama;,<sup>24</sup>

Essa colocação, mas a própria ideia da relação entre brasileira e prostituição, acaba gerando uma extensa discussão ao interno do tópico, tanto no sentido de questionar esta afirmação quanto no sentido de oferecer uma lógica a esse processo de construção de uma generalização. Para alguns participantes, essa imagem não deixava de ser fruto de experiências individuais e locais que envolviam a imigração feminina proveniente do Brasil, mas, também, partilhada com imigrantes mulheres de

---

<sup>22</sup> O perfil da depoente não permite saber o local onde ela se encontra neste momento nem a sua cidade natal no Brasil.

<sup>23</sup> Citação retirada da página (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2515332824364982979&na=1&nst=1>), acessada no dia 03 de maio de 2010.

<sup>24</sup> Citação retirada da página (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2515332824364982979&na=4&nst=126&nid=62491-2515332824364982979-2585157389803365230>), acessada no dia 03 de maio de 2010.

outros países. Nessa realidade, o contato com as prostitutas brasileiras acaba levando a um processo de estruturação de uma grande generalização com fragmentos de uma vivência pessoal e restrita:

nao se preocupe, pq nao sao so as brasileiras que tem essa fama nao, aqui em cairo tem muitas russas e russa aqui e sinonimo de prostituta, como tailandesa na suica tb e sinonimo de prostituta, e a velha mania ignorante do ser humano de generalizar<sup>25</sup>.

De qualquer forma, deve-se mencionar que este tópico foi o que gerou a maior discussão ao interno do fórum da comunidade, com apresentações acaloradas de pontos de vista contrastantes, com a formação de duas frentes, uma de acusação e outra de defesa da brasilidade. Se alguns membros da comunidade execravam esse comportamento do estrangeiro que observava com preconceito e ignorância a realidade brasileira, destacando nela um exotismo aprendido através dos meios de comunicação locais; outros assinalavam que essas imagens negativas eram a consequência da ação dos próprios imigrantes brasileiros nos países de destino.

A maneira como a discussão foi adiante, entre acusações e xingamentos, faz pensar em uma cristalização identitária que se produz no espaço-tempo da imigração, com um Brasil (ou com diferentes Brasis) que estão marcados pela experiência da partida e que permanecem fixos naquele tempo mítico, seja ele positivo ou negativo. Nesse sentido, o debate não é construído a partir de uma argumentação distanciada, mas, pelo contrário, é impregnada de um sentimento de repulsa ou de adoração pela terra distante. Analisando os diferentes tópicos do fórum, percebe-se essa construção de duas falanges: uma procura transparecer uma imagem do país desgraça, sem solução e degenerado, a outra busca construir a representação de um Brasil lindo, agradável, que não tem nada a invejar ao país de acolhida do imigrante.

Retomando a questão que foi apresentada no título deste *paper*, deve-se dizer que a imagem produzida sobre o Brasil, a partir da fala dos brasileiros que residem no exterior, é marcada pela complexidade. Com isso não se quer fazer menção, em um primeiro momento, às múltiplas facetas da identidade brasileira, mas se busca ressaltar a pluralidade das construções mnemônicas que envolvem o próprio processo imigratório,

---

<sup>25</sup> Citação retirada da página (<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=62491&tid=2515332824364982979&na=4&nst=136&nid=62491-2515332824364982979-2587034037050282201>), acessada no dia 03 de maio de 2010.

assim como a realidade da experiência emigratória, que tem pontos de partida diferentes, os quais orientam a dinâmica de encontro com a terra de chegada e aquela de revisitação da terra de partida.

Os imigrantes, tendo como ponto de origem realidades diferentes e estabelecendo relações diferenciadas no processo de emigração, narram um país que se constrói no encontro entre a experiência presente e a recordação das vivências passadas. Esse conflito de imagens permite compreender que a realidade do país de nascimento e as sensações que se relacionam a ele permanecem muito presentes nas lembranças dos imigrantes. A terra do sonho e aquela do pesadelo são representações construídas durante o próprio processo imigratório e denotam a força de atração que ainda participa nas dinâmicas de re-elaboração identitária dos brasileiros no exterior.

### **Bibliografia de Referência**

BENEDUZI, Luis Fernando. Alguns lugares de memória do processo diaspórico: narrativas de mulheres brasileiras e argentinas na Itália contemporânea. **Revista Tempo e Argumento**, n. 2, vol. 1, Florianópolis, 2009.

CATROGA, Fernando. Memória e História in PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

LEED, Eric. **La mente del viaggiatore**. Dall'Odissea al turismo globale. Bologna: il Mulino, 1992.

MACHADO, Igor José de Renó. Afetividade e poder entre os imigrantes brasileiros no Porto. *Cadernos Pagu* [online] n.23, 2004, p. 257-278.

RICOEUR, Paul. **La memoria, la storia, l'oblio**. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2003.

SIQUEIRA, Sueli. "O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA". **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Número 7 - 2007, mis en ligne le 7 juin 2007, référence du 26 juillet 2007, disponible sur: <http://nuevomundo.revues.org/document5973.html>.

VECCHI, Roberto. Barbárie e Representação: o silêncio da testemunha in PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.